

O cavalo em lenta metamorfose

Paula Cristina Costa
Professora na FCSH da Universidade Nova de Lisboa,
poeta e ensaísta

1.

Era um dia triste de Inverno. Lá fora, o vento gemia e a chuva relinchava de encontro aos vidros, com toda a virilidade de um cavalo sem freio e sem rédeas. Sofia, sentada à sua secretária, lia. Ou fingia que lia. Porque, realmente, na fértil aridez da sua leitura, outras imagens se sobrepunham, a um ritmo vertiginoso, às do texto. Uma delas, era a de um cavalo que corria, inclinado contra o vento, com a espuma das suas crinas ao rubro. Cavalo de terra, cavalo de água, pensava Sofia. Primeiro, via-o surgir, com toda a nitidez, sem esporas, sem rédeas, sob a crosta da superfície da terra. Depois, à medida que o seu olhar se ia fundindo com a linha do horizonte, e com aquela chuva morrente, já sem pescoço, sem cabeça. Olhá-lo, era para Sofia, preparar-se para seguir os seus caminhos de fogo. Rasgar-se por inteiro e abandonar-se ao galope daquela liberdade verde.

Sofia tentava regressar ao mundo do seu livro. Mas ele parecia-lhe cada vez mais distante, à medida que o seu cavalo ganhava contornos mais nítidos, quer nas margens das folhas do livro, quer na insistente virilidade do bater da chuva nos vidros da janela do seu quarto, quer ainda no prado ceifado e liso da sua paixão de inventar a partir de um nada. Fechou o livro. Fechou os olhos. E, como ela mais temia — ou mais desejava — o cavalo abrandou o seu galope, à medida que se aproximava dela, ensaiou um trote nervoso e rápido até que a serenidade dos seus passos se confundia já com o silêncio de uma paisagem

nua, com as raízes de uma sombra nova. Quando Sofia lhe pôde sentir já o seu bafo quente, o seu cheiro a terra húmida, o recorte macio da sua crina, pensou que estava na hora de se tentar equilibrar de pé em cima do seu cavalo e, inclinando-se contra o vento, seguir viagem.

2

Na cumplicidade de uma nudez perfeita, cavalo e mulher partem num galope de palavras justas. Aí, onde o sol do cavalo cega a cor morrente do Inverno, a mulher de seios de argila e de ancas de folhas, torna-se memória de uma sombra de desejo incontido, de substância fresca da solidão de uma montanha. Estremecendo repetidamente sobre o solo que treme, mulher e cavalo são um só corpo, sem o reverso da alma, são uma mesma voz que se defende dos gemidos do vento, da ferida de uma biblioteca que se desmancha e se espalha como folhas mortas de Outono.

3

Sofia tentou retomar a sua leitura. Releu a página anterior àquela onde tinha parado, quando o seu cavalo de sombra a distraiu, para lembrar as últimas frases do texto. Era um pequeno conto hispano-americano. A estranha história de uma mulher que sempre que traía o marido, vomitava lagartixas nessa noite. Para que o marido não desconfiasse, dormia nesses dias no alpendre, ao relento e, à medida que sentia o pequeno réptil amante a despegar-se das suas entranhas e pronto a sair-lhe pela garganta, iniciava a sua dança em torno da casa, como se se ritualizasse e purificasse da luxúria acumulada, e descalça e ofegante, dançava pela noite fora até sentir o corpo vazio a desfalecer de cansaço.

Assim, as lagartixas iam proliferando em torno da casa e multiplicavam-se à medida que se iam traindo umas às outras. O marido, não se conformando com aquela invasão de lagartixas, ia espezinhando umas, acertando com pedras noutras e assim se convenciam que era ele que continuava a dominar e a ocupar aquele espaço, aquele corpo, açoitando e matando aqueles pobres bichos inofensivos que, mal ele sonhava, pareciam querer avisá-lo que não era propriamente nas suas pequenas cartilagens esverdeadas que estava a sua ameaça, ou mesmo o mal do mundo, mas na metamorfose nessa noite sofrida.

O conto acabava de uma forma ainda mais estranha e maravilhosa: uma noite, em que a mulher não tinha lagartixas para deitar pela boca fora, e passara a noite ao lado do seu marido, foi surpreendida pelo mistério da sua vida — viu sair da boca do seu homem um imenso escaravelho! Quem seria a *pindérica*? Indignada, pensava que corpo feminino estaria por detrás daquela metamorfose. Ou então, que degradação ou regressão seria aquela do corpo do seu marido?

E todo o conto se desenrolava a partir desta indistinção entre o estranho e o maravilhoso, desta angústia da traição e da metamorfose do corpo humano que reage aos seus instintos e obsessões da forma mais animal e primitiva. À medida que Sofia se deixava alhear do seu livro e seguia o cavalo que corria inclinado contra o vento dentro de si, pensava na estranheza de alguns momentos da sua vida que, não dando propriamente para escrever a fábula de um conto desta natureza, não deixavam de, também por vezes, roçar as fronteiras do inverosímil. Pensou nas sucessivas transformações do seu corpo e do seu pensamento, ao longo dos anos, nas perturbações constantes que lhe estremeceram repetidamente sobre o solo que sempre tremia por debaixo da superfície de uma vida onde ela nunca se conseguiu equilibrar.

Numa permanente dilaceração entre a vigília e o sonho, Sofia sentia a sua vida como uma dor muito antiga, a dor da incapacidade de aceitar o uso quotidiano do real, a nudez do verosímil, de outro modo que não fosse o da sua transfiguração, da sua volúvel gravitação noutras lugares de sentido, noutras dobras de linguagem. Por isso, gostava tanto de ler, ler compulsivamente poesia e ficção, para nesses momentos de prazer imenso, se conseguir sentir preparada para galopar num cavalo sem esporas, sem rédeas, num cavalo que seja apenas movimento, ritmo, o desassossego de um sonho que o faça mesmo perder o pescoço e a cabeça, até deixar de ser cavalo para passar a ser apenas o bafo animal do canto órfico capaz de unir a terra ao fogo, a memória ao sonho.

4

Lá fora, a chuva abrandara o seu passo. Sofia, permanecia sentada, com o livro abandonado, pousado aberto sobre os seus joelhos, enquanto a passo de trote o movimento do imaginário e do impossível continuava a bater de encontro à janela embaciada da sua vida. Relia essa fábula, não como ela fora, mas como ela poderia ter sido. Era assim que gostava de a lembrar: o enredo da sua vida suspenso numa corda de trapézio, oscilando entre a verdade dos acontecimentos

e a inverosimilhança de um devir improvável, mas crível. Acreditava, como já Aristóteles acreditara, que a poesia era mais verdadeira do que a história. A história obrigava-a a reescrever a sua vida como um manuscrito morto; a poesia, libertava-a da rigidez dessas linhas e iluminava-lhe palimpsestos possíveis, mágicos e indefiníveis.

Na lenta metamorfose do cavalo da sua vida, Sofia reconhecia todas as perturbações, todas as esporas e rédeas com que a instigou, a custo, para a frente: a voz da infância mutilada, o tronco decepado dos sonhos mais juvenis, os campos divididos e esfolados de uma idade adulta atravessada pelas feridas da raiva, do ódio, da hipocrisia, da traição da cabeça dos homens. Hoje, na distância de si mesma, já a perder de vista a linha desse horizonte, sentia o peso das patas do animal frustrado que havia dentro de si, como um grito silenciado, como um cavalo ferido no seu tronco, desfeita a sua virilidade, a espuma verde da sua liberdade. Acariciou-lhe as franjas da sua crina, libertou-o dos vestígios das suas sucessivas metamorfoses e, como a mulher do conto hispano-americano, tentou vomitar todas as lagartixas das traições da sua vida para que, solta numa nova ignorância incerta, pudesse seguir a substância de um caminho por entre as folhas de uma nova biblioteca, onde aprendesse, de novo, a lenta metamorfose do seu corpo animal.